



## **A CENOPOESIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA DE CUIDADO EM EDUCAÇÃO POPULAR SOB A PERSPECTIVA DA PRAGMÁTICA CULTURAL**

**CENOPOETRY AS AN EDUCATIONAL CARE PRACTICE IN POPULAR  
EDUCATION UNDER THE PERSPECTIVE OF CULTURAL PRAGMATICS**

**LA CENOPOESÍA COMO PRÁCTICA EDUCATIVA DE CUIDADO EN LA  
EDUCACIÓN POPULAR DESDE LA PERSPECTIVA DE LA PRÁCTICA  
CULTURAL**

Cineide Lopes de Sousa Nogueira <sup>1</sup> <https://orcid.org/0009-0003-2280-5643>  
Claudiana Nogueira de Alencar <sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0002-2759-2750>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino - Limoeiro do Norte, Ceará, Brasil, CEP 62.930-015, e-mail: [nogueiracineide@gmail.com](mailto:nogueiracineide@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - - Fortaleza, Ceará, Brasil, CEP 60.410-690, e-mail: [claunoce@gmail.com](mailto:claunoce@gmail.com)

### **RESUMO**

A Cenopoesia apresenta um híbrido de linguagens artísticas que se articulam para promover encontros e afetos, fortalecendo os laços comunitários e buscando transformações sociais. Este trabalho tem como objetivo analisar a prática cultural da Cenopoesia como prática educativa de cuidado em Educação Popular. Para isso, utilizamos como aparato teórico-metodológico a Pragmática Cultural, linha de pesquisa dos estudos críticos da linguagem comprometida com a pesquisa qualitativa de caráter in(ter)ventivo. Como resultado, cartografadas as práticas da Cenopoesia, encontramos jogos de linguagem vinculados às práticas de educação popular como o “Corredor de cuidados” e a “Feira do soma sempre”. Tais jogos mostraram a Cenopoesia como uma prática de Educação Popular que atua como uma pedagogia engajada (hooks, 2013), comprometida com o cuidado com o outro e com uma posição ético-política defensora da justiça social.

**Palavras-chave:** cenopoesia, educação popular, práticas educativas, pedagogia engajada.

### **ABSTRACT**

Cenopoetry presents itself as a mixture of artistic languages that articulate themselves to promote encounters and affections, strengthening community bonds and seeking social transformations. This work's objective is to analyze Cenopoetry as a cultural practice and how it performs as an educational care practice about Popular Education. To this end, we make use of Cultural Pragmatics, a research area that comprises critical language studies alongside

inventive and interventive qualitative studies. As a result of charting out the practices of Cenopoetry we found language games linked to popular education practices such as the “Care hallway” and the “Always-plus Market”. These games showed Cenopoetry as a practice in Popular Education that operates under the banner of engaged pedagogy (Hooks, 2013), always keeping in mind caring for others and with a political and ethical positioning that defends social justice.

**Keywords:** cenopoetry, popular education, educational practices, engaged pedagogy

## RESUMEN

La Cenopoesia presenta un híbrido de lenguajes artísticos que se articulan para promover encuentros y afectos, fortaleciendo los lazos comunitarios y buscando transformaciones sociales. Este trabajo tiene como objetivo analizar la práctica cultural de la Cenopoesia como práctica educativa de cuidado en la Educación Popular. Para ello, utilizamos como aparato teórico-metodológico la Pragmática Cultural, línea de investigación de los estudios críticos del lenguaje comprometida con la investigación cualitativa de carácter in(ter)ventivo. Como resultado, tras cartografiar las prácticas de la Cenopoesia, encontramos juegos de lenguaje vinculados a las prácticas de educación popular como el «Corredor de cuidados» y la «Feira do soma sempre». Estos juegos mostraron la Cenopoesia como una práctica de Educación Popular que actúa como una pedagogía comprometida (hooks, 2013), comprometida con el cuidado del otro y con una posición ético-política defensora de la justicia social.

**Palabras clave:** cenopoesia, educación popular, prácticas educativas, pedagogía comprometida.

## INTRODUÇÃO

“Um conversar brincante”! Assim nos apresenta o cenopoeta Ray Lima (2023), um dos criadores da Cenopoesia, esse modo poético de existir e habitar o mundo, prática cultural comprometida com as políticas de dignidade. Sobre a nossa aproximação com a Cenopoesia, esse tema que articula cultura, arte, educação e diversas outras linguagens, temos vivenciado os atos cenopoéticos por meio do Coletivo Cenopoético Viva a Palavra, projeto que há 10 anos atua com os movimentos sociais da periferia por meio da arte da palavra (Alencar, 2021). A participação e acompanhamento dos atos cenopoéticos no Coletivo Cenopoético Viva a Palavra mostram que tais atos ensinam-nos a “viver e revelar em ato novas possibilidades de vida mais cooperativa, cuidadosa e amorosa” (Lima, 2023, s/p).

Neste trabalho, passamos a refletir sobre a Cenopoesia, mistura de linguagens, sabenças e repertórios artísticos colocados em diálogo pela potencialidade ontocriativa humana, como prática educativa que há décadas está comprometida com as ações da Educação Popular, uma vez que muitos cenopoetas atuam junto à Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (ANEPS).

Desse modo, este trabalho tem como objetivo analisar a Cenopoesia como prática educativa de cuidado em Educação Popular. Para isso, utilizamos como aparato teórico-metodológico a Pragmática Cultural, linha de pesquisa dos estudos críticos da linguagem, comprometida com a pesquisa qualitativa de caráter in(ter)ventivo. A Pragmática Cultural analisa as práticas culturais do cotidiano a partir das palavras sementes e dos jogos de

linguagem, mostrando como tais práticas contribuem para a constituição de gramáticas de resistências ao sistema capitalista excludente (Alencar, 2021).

Se na sociedade atual, os regimes de opressão, advindos do sistema capitalista colonial, constituem modos de subjetivação baseados no individualismo e na competição, podemos indagar: como a Cenopoesia contribui para novas formas de subjetivação contra hegemônica e quais práticas educativas da educação popular vivenciadas na Cenopoesia podem contribuir para uma práxis igualitária e emancipatória? Partirmos da suposição de que a Cenopoesia possibilita novas formas de ser mais justas e fraternas, contribuindo para a constituição de formas de resistência às desigualdades e injustiças.

Desse modo, realizamos uma investigação sobre as práticas de Cenopoesia realizadas pelo Coletivo Cenopoético Viva a Palavra, durante o ano de 2024, na comunidade Guaribal, na Serrinha, bairro periférico de Fortaleza, Ceará, e em ambiente virtual pelo *Google Meet*, transmitido e registrado no canal do *Youtube* do Viva a Palavra. Tais práticas foram cartografadas e analisadas como jogos de linguagem, utilizando a pesquisa participante em Pragmática Cultural. Na próxima seção, trataremos do aparato metodológico da Pragmática Cultural.

## METODOLOGIA

Partindo da ideia de que toda linguagem é um modo de ação, uma prática cultural, ou seja, uma prática cotidiana, Alencar (2014) define a pragmática cultural como uma pesquisa participante que busca refletir sobre as práticas culturais, entendendo-as em seu potencial transformador.

A Pragmática cultural utiliza a cartografia como um modo de seguir processos e práticas. Nesta pesquisa qualitativa, buscamos utilizar os procedimentos metodológicos da Pragmática Cultural proposto por Claudiana Alencar (2015) que são: Primeira etapa: Cartografia das práticas culturais da Cenopoesia promovidas pela Coletiva Viva a Palavra no ano de 2024 registradas no Canal do Youtube do referido coletivo; Segunda etapa: Descrição das práticas culturais da Cenopoesia como jogos de linguagem; Terceira etapa: Coleta e análise das palavras sementes como propositivas de novas formas de vida.

Todas as etapas relacionam-se entre si mostrando que a linguagem é forma de vida e que as palavras indexalizam as práticas humanas, anunciando novos mundos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas duas próximas subseções, traçaremos um perfil histórico e teórico da Cenopoesia, buscando articular essa prática artística cultural com a Educação Popular. Nas subseções seguintes, seguiremos os procedimentos metodológicos, cartografando os encontros de Cenopoesia promovidos pelo Viva a Palavra e analisando dois jogos de linguagem que são trabalhados durante esses encontros: a Feira do Soma Sempre e o Corredor de Cuidados.

### **Onde nasce a Cenopoesia: a educação e a cultura popular no começo de tudo**

A Cenopoesia é uma vertente artística de caráter plural, relativamente nova na sua forma oficial; que nasce das expressões populares, nas ruas, nos grupos, no chão da escola, no meio do povo, quando a arte possibilita as formas de mostrar ao mundo as mais profundas subjetividades humanas, as gentilezas, “a arte em todo o ser” (Dantas, 2015). A arte faz de cada indivíduo participante de um bem coletivo, de um legado importante. De acordo com o educador Ray Lima, principal idealizador da Cenopoesia, esta prática cultural sempre existiu, porém ainda não tinha uma denominação. Além disso, é necessário enfatizar que não se pretende chegar a um conceito bem definido ou bem delimitado de Cenopoesia, uma vez que Cenopoesia faz-se no ato, a cada performance, em cada corpo, em cada som que se vai criando durante a construção coletiva. No entanto, para uma compreensão semântica, Lima (2012, p. 21) caracteriza a Cenopoesia como:

[...] uma linguagem que se articula com outras, para ganhar diversidade e dar força ao discurso e sua capacidade de expressão. Atua como espaço de articulação e interfaces entre linguagens em seus aspectos formais e em suas especificidades para construir algo como que um campo dialógico, sinérgico e harmônico gerador de novas imagens, novos sentidos; multifacetados, mas ressignificados como linguagem única, porém aberta e viva.

Foi durante os movimentos culturais no Rio de Janeiro, na década de 1980, que Ray Lima percebeu que a linguagem híbrida na arte (que misturava teatro, poesia, música e outras expressões vivas da criação popular) tinha um sentido especial e peculiar. Num momento em que o país atravessava por intempéries políticas, insights surgiam e reflexões sobre como a arte poderia atingir as pessoas, os grupos, a mentalidade do social vigente da época, ao ponto de promover a transformação daquela linguagem que possuía ainda elementos potentes do pensamento opressor da ditadura. No meio desse imbróglio, surge a perspectiva de um outro ideal, de outros mundos, a anunciação de um tempo em que as pessoas agora, esperançosamente

podiam sentir, ser e pensar por elas mesmas. A Cenopoesia é concebida nesse cenário de vontade de luta pela tão almejada democracia; é aí que o poeta a emerge e traz não só para as margens, mas para a cena. Ray Lima (2020) relata sobre o seu prazer na poesia, no teatro, em diversas formas de arte, mas demonstra também a sua inquietação naquele tempo que o fez buscar uma maneira, dentro da arte, que proporcionasse às pessoas a possibilidade de se despirem da linguagem da opressão e fazer ascender o que posteriormente seria convergido no termo “Cenopoesia”.

Ao passo que a Cenopoesia florescia, ela tornava-se cada vez mais um território de sentidos em constante expansão, a cada ato, um novo significado brotava, e quem assistia deixava de ser apenas espectador para se tornar presença ativa naquele momento; bastando o desejo de estar, de fazer parte, de ser; a Cenopoesia acolhia e validava toda expressão, consolidando-se como uma linguagem construída com o outro, e não somente para o outro. Tal característica vem dialogar profundamente com a educação popular, que reconhece o sujeito comum, muitas vezes, silenciado pelas estruturas tradicionais, como um legítimo portador de saberes, que tem a liberdade de praticar sua cultura, sem exigência de erudição, de técnica ou de arranjos mais formais, embora seja necessário dizer que a Cenopoesia não está dissociada do conhecimento científico, pelo contrário, sua base, que é constituída pelas linguagens populares do cotidiano, pelos conhecimentos empíricos, também é, do mesmo modo, imbuída de ciência.

A obra “De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz”, elaborada pelo Ministério da Saúde, com a colaboração do educador e cenopoeta Ray Lima, da médica cenopoeta Vera Dantas e outros, publicada no ano de 2013, fortalece essa afirmação:

A cenopoesia não nega a produção acadêmica. É preciso assinalar isso. Mas avança ao reconhecer e, mais do que isso, ao incorporar, no sentido da sua existência, o saber e as práticas populares como produções também científicas. Os horizontes do conhecimento, com técnicas e métodos, se ampliam. Ganham luz, cor e matizes variadas (Brasil, 2013).

Voltando à trilha da Cenopoesia, em 1989, de volta ao Nordeste, para a cidade de Janduís, no Rio Grande do Norte, Ray é convidado para fazer parte, na verdade, para “tocar” um projeto com os jovens, de ação cultural da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FEBEM). A cidade encontrava-se numa situação difícil. Cruz (2018 p. 32) em uma carta pedagógica mostra que Janduís era:

Um município onde crianças e adolescentes estavam desnutridos, viviam a violência da seca e consequentemente da desigualdade social no sertão do estado. Você, afetado pela situação, recorre à metodologia cenopoética, se agarra a essa prática e faz a junção de ludicidade e reflexão.

O projeto cenopoético intitulado de “Recriança” compreendia um conjunto de diversas atividades artístico-culturais como cursos de bordado, costura, conhecimentos agrícolas, esportes, entre outros (Bezerra, 2020 p. 18). Por ter mudado a realidade das crianças e jovens daquele município, o projeto ganhou destaque na imprensa nacional e internacional da época (Cruz, 2018). Daí, a Cenopoesia não mais parou, andando pelos estados do Brasil e alguns países da América Latina, contagiando as massas com sua sensibilidade e humanidade através da educação popular, consolidando-se como uma “uma pedra no sapato” na lógica do capital, que, através da mercantilização da educação e da cultura, intenta sutilmente anular a linguagem e as formas de vida dos coletivos.

## **Cenopoesia: Educação Popular e Soma de Saberes**

Valorizar e reconhecer a diversidade dos povos, dos territórios, dos modos de vida, não se constitui apenas questão ética, mas é a validação e a legitimação da educação verdadeiramente democrática. Uma educação que não visualiza ou considera as culturas populares, os saberes ancestrais, que ignora os corpos dissidentes, as vozes historicamente silenciadas e marginaliza os conhecimentos não oficiais, torna-se um espaço de preconceito, de exclusão e, deveras de propagação indireta das desigualdades. A integração desses saberes é fundamental para que aconteça uma educação transformadora.

A educação tem o poder metamorfoseador de se adequar ao sistema em que está ancorada e, como prática social, nunca é neutra (Freire, 1996, p. 42). De acordo com o projeto político que a rege, pode promover o silêncio, conservando a opressão ou pode conduzir as massas para o caminho da emancipação, alcançando novos horizontes sociais. Brandão (2007, p. 98) corrobora:

[...] a educação sobrevive aos sistemas e, se em um ela serve à reprodução da desigualdade e à difusão de ideias que legitimam a opressão, em outro pode servir à criação da igualdade entre os homens e à pregação da liberdade". [...] porque a educação existe de mais modos do que se pensa.

A Cenopoesia é uma prática que se coloca como ponte entre os saberes e abre espaço para que os conhecimentos historicamente acumulados, a cultura peculiar de um povo, as

experiências e as diversas linguagens se encontrem, afirmando-se como método de partilha e não somente como expressão estética. Seguindo essa lógica, a Cenopoesia aproxima-se dos conceitos da educação popular freireana, quando reconhece as vivências concretas dos sujeitos, promove a escuta e entende que aprendizagens nascem de diálogos.

Ao acolher a singularidade das formas de vida e linguagens, a Cenopoesia permite que as expressões configurem-se como extensões da vida cotidiana. Wittgenstein (2000) define a linguagem como “formas de vida”; cada grupo ou comunidade desenvolve e possui suas próprias maneiras de narrar, de concelebrar, de resistir e, nessa perspectiva, a Cenopoesia entra, também, como caminho em que as expressões, os gestos, as palavras não são julgados pela conformidade ou por padrões, mas pela capacidade de gerar sentido e significado coletivo. Mais importante do que a Cenopoesia em cena, são os saberes diversos e as expressões artísticas ou não, providas dos mais distintos grupos étnico-culturais, que fazem a alma dos atos. Esses saberes foram historicamente marginalizados, esquecidos ou pouco valorizados pela educação formal.

## **Cartografando os encontros culturais de Cenopoesia pela Coletiva Viva a Palavra**

A cartografia segue os processos e, como a Pragmática cultural, ajuda-nos a entender que as práticas são constitutivas de sentido. Tais sentidos são constituídos na prática. A Pragmática cultural volta-se para essa prática e, por ela, podemos entender que a linguagem é uma prática social ou uma forma de vida como nos diz Wittgenstein (1989). Compreender a linguagem como forma de vida é compreender que as práticas de linguagem, como a Cenopoesia, são práticas sociais. Compreender também como tais práticas contribuem para a formação e o desenvolvimento humano de modo crítico e reflexivo, de modo que podemos dizer que as práticas artísticas, culturais e literárias que constituem a Cenopoesia são também práticas educativas.

Podemos entender, como nos diz bell hooks (2013), que dessas formas de vida podemos retirar alguns ensinamentos. Assim como bell hooks inaugurou a busca por práticas de formação de comunidades de aprendizagem em sala de aula, por meio de ensinamentos que são baseados em uma sabedoria cotidiana, uma sabedoria vivencial, a Cenopoesia vem mostrar como esta sabedoria cotidiana pode contribuir com a formação/transformação da sociedade através de práticas educativas da arte e da cultura. Nesse sentido, passamos a mapear as práticas



cenopoéticas para entendermos a sua contribuição para a construção de ações educativas baseadas nas sabenças populares que apontam para a superação de desigualdades e para uma sociedade mais justa e solidária.

No ano de 2024, a Coletiva Viva Palavra, localizada no bairro Serrinha, Fortaleza – Ceará, promoveu encontros virtuais pela plataforma Google Meet e também alguns encontros presenciais voltados à prática de Cenopoesia e à problematização de temáticas diversas, configurando-se como espaços de produção coletiva de saberes e intercâmbio cultural-artístico. A seguir, quadro dos Encontros Cenopoéticos Culturais:

**Quadro 1 - Encontros Cenopoéticos no ano de 2024**

<b>Encontros</b>	<b>Data</b>
Cenopoesia e o Centro de Estudos Teatrais Cenopoéticos	30/04/2024
Cenopoesia, pretagogia e afroafeto com a mediação de José Soares (CE)	06/06/2024
Vivência Cenopoética- A Cenopoesia no Viva a Palavra (presencial)	15/06/2024
Cenopoesia e Democracia	09/07/2024
Corredor Cenopoético de Cuidados e a Feira do Soma Sempre	10/09/2024
Cenopoesia e Arte- Palhaçada	09/10/2024
Cenopoesia e Saúde Mental	05/11/2024
Vivência Cenopoética: laboratório de corpo e som (presencial)	07/12/2024

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2025).

Todos esses encontros foram organizados pelas cenopoetas Josy Dantas, Claudiana Alencar e Gilian Gardia e traziam outros cenopoetas como mediadores, sendo estes respectivamente:

A mediação do primeiro encontro ficou com os integrantes do grupo de teatro O Buraco d'Oráculo, de São Paulo. O segundo encontro teve a mediação do cenopoeta José Soares. Já o terceiro encontro ocorreu de forma presencial, no Bairro da Serrinha, na periferia de Fortaleza e teve a mediação do Coletivo Viva a Palavra e do Templo da Poesia. O quarto encontro foi mediado por Fabio Ariston. O quinto encontro teve a mediação de Mayana Azevedo. O sexto encontro teve como mediador Júnio Santos e Richard Rigueti. Vejamos o material da divulgação:



**Figura 1 - Encontros de Cenopoesia em 2024**



Fonte: Acervo do blog Viva a palavra (2024).

Uma pesquisa do universo vocabular de todos os encontros, como nos indica a Pragmática Cultural, conduziram-nos a duas palavras sementes (Alencar, 2021): “soma” e “cuidado”. A palavra semente “soma” traz a significação da contribuição com o coletivo, do compromisso com o outro, da construção com o comunitário, enquanto a palavra “cuidado” significa uma outra forma de vida, não mais baseada no egoísmo e no individualismo, mas na vivência comunitária. É o que podemos ver no trecho da canção Escuta, de Ray Lima:

Escuta, escuta, o outro a outra já vem  
Escuta, acolhe, cuidar do outro faz bem  
Lá no tempo em que nasci  
logo aprendi algo assim:  
cuidar do outro é cuidar de mim,  
cuidar de mim é cuidar do mundo.  
cuidar do outro é cuidar de mim  
cuidar de mim é cuidar do mundo  
cuidar do outro é cuidar de mim  
cuidar de mim é cuidar do mundo!  
(Brasil, 2013, p. 169)

As palavras “soma” e “cuidado” indexalizam a realidade, conduzindo-nos a dois jogos de linguagem, os quais descreveremos nas próximas seções. Cada uma delas carrega sentidos que emergem das vivências sociais, das relações de solidariedade que os sujeitos estabelecem consigo e com o mundo. Os jogos de linguagem aqui analisados, se tornam campo de reconhecimento mútuo nos quais a linguagem se faz mediadora entre o campo das ideias e a produção compartilhada daquilo que é real e importante.

## **Jogos de linguagem: a “Feira do Soma Sempre”**

A Feira do Soma Sempre constitui-se uma proposta pedagógica criada pelo educador cenopoeta Ray Lima, apresentando-se como um movimento comunitário de trocas simbólicas e afetivas, que tem seus fundamentos ligados diretamente às práticas do Escambo Popular Livre de Rua; outro movimento cultural popular, oriundo do Rio Grande do Norte, também de autoria do cenopoeta Ray Lima com Júnio Santos. O movimento é mobilizado por poetas diversos, pela prática do teatro e tem como fundamento a troca simbólica de saberes e experiências da arte (Oliveira et al., 2023).

A diferença da feira em relação às feiras tradicionais está no fato de não se restringir apenas às trocas ou circulação de itens materiais, mas principalmente na soma e compartilhamento dos saberes, das produções coletivas, nas narrativas de vida do povo e nas práticas sociais. Tem caráter rotativo, ou seja, não é fixa em um único lugar; não se estabelece em um território só, o que favorece a propagação horizontal das experiências. A sistematização dos diferentes momentos da feira dá-se da seguinte maneira:

A partir de uma discussão inicial em grupos, norteados por um tema-gerador, produzem-se as barracas. Os membros alternam-se de modo que todas sejam visitadas e apresentadas por e para todos os grupos, a fim de conhecerem seus produtos e formas de organização. Nesse processo, problematizam questões a serem incluídas ou não como aprendizados, apresentando, no fim, uma síntese (Dantas; Silva; Castro Júnior, 2020, p. 9).

Na Feira do Soma Sempre, todos são aprendizes e produtores ao mesmo tempo, e uma forte característica é a ausência da organização formalizada; suas gôndolas expositivas de modelos não tradicionais convidam a uma apreciação mais humana e pertinente. Tudo acontece de maneira interativa, com base na escuta e favorecendo as expressões criativas, promovendo relações de solidariedade, autonomia e cooperação, em que o “conhecimento acontece no caos” (Dantas; Silva; Castro Júnior, 2020, p. 8), indo ao encontro da representatividade de um lugar

mercantilizado de acordo com as lógicas do capital. Este movimento emerge como uma possibilidade de fortalecimento da vida coletiva, a partir das experiências sociais e culturais, nas quais se articulam práticas de cuidado com o outro e com o mundo.

As exposições da feira contam com as mais diversas possibilidades culturais; algumas vezes representam o quanto se sabe sobre aquele território, outras apenas trazem para a partilha as histórias e as ancestralidades, através de produções coletivas, num espaço vivo, como nas feiras livres populares, onde o encontro é o marcador principal da vivência.

### **Jogos de Linguagem: “Corredor de cuidados”**

O jogo de linguagem “Corredor de cuidados” nos remete a uma prática que surgiu nos “cursos de massoterapia das CEBs – Comunidades Eclesiais de Base, cearenses” (Dantas; Silva; Castro Júnior, 2020, p. 6) como acolhimento simbólico das formações. A técnica é inspirada no tradicional “túnel junino”, que é formado um corredor humano: a pessoa é convidada a passar pelo corredor e, nesse momento, recebe cuidados como o toque terapêutico de carinho, abraços, palavras de fortaleza que ultrapassam a dimensão do corpo. Dantas; Silva; Castro Júnior (2020, p. 8) descrevem:

O corredor é formado por duas fileiras de pessoas e um grupo de cuidadores que, a partir das singularidades de suas potências, orientam e preparam os participantes para adentrarem o percurso. No fim, cada um é acolhido pelo último da fila, em um movimento contínuo de cuidar e ser cuidado. As mãos assumem o papel de acarinhar o corpo do outro como quem prepara a terra para receber a planta que nasce do namoro entre arte e cuidado.

O corredor de cuidados transcende a lógica das práticas tecnicistas e mercadológicas neoliberais, constituindo-se como um gesto de resistência que se projeta para além de uma simples dinâmica de grupo, consolidando-se ainda como um ritual pedagógico que compreende os aspectos físicos, emocionais, cognitivos, espirituais e culturais. Durante a passagem pelo corredor, a pessoa pode reconhecer sua vulnerabilidade e encontrar sua fortaleza, resultando numa rica experiência de cuidado, solidariedade, confiança e respeito mútuos.

A metodologia para a aplicação do Corredor pode variar de acordo com a necessidade do grupo ou como os educadores populares, que conduzem o processo e são imbuídos de autonomia, desejem performar. Maria Iracema Capistrano Bezerra et al., em relato de experiência realizada em 2017, num IES – Instituto de Ensino Superior no estado do Ceará,

detalham como eram as estações do Corredor de Cuidado que foi elaborado para trabalhadores da referida instituição:

As estações eram compostas por (I) aromoterapia com perfumes da natureza; (II) estímulo tátil – uso de materiais com diferentes texturas tais como argila, areia, água, bolas de gude, plástico bolhas, tecidos; (III) massoterapia e (IV) esteira para relaxamento corporal [...]. Ao final, cada participante foi acolhido(a) com um abraço promovendo vários benefícios para a saúde em busca de uma completa sensação de bem-estar e satisfação (Bezerra et al., 2019, n./p.).

Dantas, Silva e Castro Júnior (2020 p. 6) descrevem que “a dimensão ritualística e artística, no corredor, ganhou força” quando o Corredor de Cuidados articulou-se diretamente à prática da Cenopoesia - uma linguagem que se articula com outras (Lima, 2012, p. 21). Essa confluência ampliou as experiências e as concepções de cuidado referenciando as reflexões do indivíduo, sua corporeidade e seu lugar no mundo, resultando no “Corredor Cenopoético de Cuidado”. Assim, seja no contexto da educação popular em saúde, nas iniciativas da Coletiva Viva a Palavra, nas adaptações realizadas nas instituições de ensino superior, na educação básica ou em qualquer outro lugar, o Corredor revela-se como um dispositivo plural que promove a prática político-pedagógica, vínculos solidários, reflexão e o cuidado compartilhado como horizonte terapêutico e, ao mesmo tempo, emancipatório.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Cenopoesia, que nasceu dos anseios da ontocriatividade humana e no contexto da Educação Popular, vem romper com as pedagogias tradicionais acríticas, galgando os muros que separam o saber erudito do saber popular, transformando o ato de educar numa experiência singular, compartilhada e criativa. Ao criar raízes nos territórios, nos coletivos, nas vozes, nos corpos em performance, ela não apenas dialoga com a Educação Popular, mas também é parte desta.

No ambiente escolar acontecem as mais ricas experiências em grupo, trata-se do locus onde as infâncias encontram-se e relacionam-se nos mais tenros anos, onde o companheirismo, a solidariedade, o contato com o diferente e o cuidado do outro podem ser incentivados e fortalecidos, em todas as idades, ao passo que, quando essas experiências coletivas e vivências partilhadas não são ofertadas, as crianças e adolescentes são privados de uma educação crítica, emancipadora, comprometida com a diversidade.

A Cenopoesia pode trazer para a educação formal as práticas políticas da estética dos oprimidos, vivenciadas e criadas nos movimentos e culturas populares. Desses aprendizados populares, os diversos jogos de linguagem vivenciados nas práticas cenopoéticas, tais como círculos de cultura, corredor de cuidados, ato cenopoético, feira do soma sempre, cortejos, entre outras, são constituintes de diversas formas de vida resistentes aos modelos de ser e de estar no mundo conforme a gramática capitalista. Esses jogos constituem uma gramática cultural de resistência ao modo de vida destrutivo do sistema - mundo capitalista.

Desse modo, concluímos que a Cenopoesia constitui uma gramática de resistência (Alencar, 2021, 2025) que esperança (do verbo esperar) um mundo solidário e amoroso. Essa estética dos oprimidos passa pelos saberes populares dos nossos povos originários que nos ensinam que as práticas de cuidado são coletivas como são simbióticas a relação dos seres com a natureza. Tomando a terra, os rios, as florestas, a água como seus parentes, os povos indígenas nos ensinam como devemos pisar leve na terra, ao mesmo tempo em que seguimos lutando contra o capitalismo destruidor da vida. Educar pisando leve na terra é considerar a cultura como cuidado, como nos diz a pragmática cultural, proposta por Claudiana Alencar (2019, 2021, 2025). Considerar esse “cuidado” como político tem sido o trabalho da educação popular na perspectiva da Cenopoesia, que nos ensina a educar com os pés na terra e os olhos no outro.

Da mesma forma que acontece nas experiências com as metodologias participativas oriundas dos movimentos populares, destacadas por Paulo Freire e outros tantos educadores populares e críticos, a Cenopoesia fortalece-se no encontro horizontal com os sujeitos, em que não há um só detentor do saber e outro aprendente, ambos aprendem e ensinam juntos, num processo permanente de soma de saberes, todos são autores e leitores da própria existência. É nesse terreno fértil, de solidariedade e afeto, que a Cenopoesia floresce como uma linguagem plural e multifacetada e, ao mesmo tempo, unívoca, de resistência, trazendo o anúncio de novas contemplações, de conhecimento, de amorosidade.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Práxis educativa e gramática de resistência no Programa Viva a Palavra. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 16, n. 4, p. 34–54, 2025.

Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/15218/12833>. Acesso em: 13 set. 2025.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. O amor de todo mundo, palavras-sementes para mudar o mundo: gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por

coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 37, n. 4, p. 202156109, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/cLhvKFyQGVdDsN4WxkgpHDm/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2025.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. “Tudo aqui é poesia”: a pragmática cultural como pesquisa participante com movimentos sociais e coletivos juvenis em territórios de violência urbana. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 31, p. 237-256, 2019. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/interdisciplinar/article/view/11848> Acesso em: 10 set. 2025.

BEZERRA, Lindemberg da Silva. **Companhia Ciranduí: trajetória Cultural e Atuação no Movimento Popular Escambo Livre de Rua**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Eusébio, Ceará, 2020. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/88d76ae3-50be-4c4a-b1e0-010b5f9e6922> Acesso em: 26 set. 2025.

BEZERRA, Maria Iracema Capistrano Bezerra et al. Corredor do cuidado: estratégia de acolher e cuidar trabalhadores e trabalhadoras de uma instituição de ensino superior. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE, 8 - vol. 1, 2019, João Pessoa. **Anais eletrônicos**, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/8o-cbcsht/trabalhos/corredor-do-cuidado-estrategia-de-acolher-e-cuidar-trabalhadores-e-trabalhadoras?lang=pt-br>. Acesso em: 26 set. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. Editora Brasiliense, 1984.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz: roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CRUZ, Nicole Nunes da. **Cartas para desver o conceito de resto: a cenopoesia no Hotel da Loucura**. (Dissertação de Mestrado) UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/185959> Acesso em: 21 ago. 2025.

DANTAS, Maria Josevânia. **Cenopoesia, a arte em todo ser: das especificidades artísticas às interseções com a educação popular**. (Dissertação de Mestrado) UFPB – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8581>. Acesso em: 05 ago. 2025.

DANTAS, Mayana Azevedo; SILVA, Maria Rocineide Ferreira da; CASTRO JÚNIOR, André Ribeiro de. Aprendizagens com o corpo todo na (trans) formação de educadores (as) populares do Curso Livre de Educação Popular em Saúde (EdPopSUS). **Interface-**



**Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, 2020. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/icse/a/9RY7LtvP7MVKFkvBXv36Pkv/?format=html&lang=pt>.  
Acesso em: 10 set. 2025.

DANTAS, Mayana et al. Feira do Soma-sempre: é possível “produzir conhecimento dentro do caos”? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA REDE UNIDA, 15. 2022. **Anais...**  
Disponível em:  
<http://conferencia2018.redeunida.org.br/ocs2/index.php/15CRU/15CRU/paper/view/13641>.  
Acesso em: 10 set. 2025.

OLIVEIRA, Adriano Moraes de; LOPES, Melissa dos Santos; ANTAS, Alexandre Augusto de Jesus; GUERRA, Pedro Samuel Medeiros. Pesquisa em teatro no Rio Grande do Norte, desvelando saberes e criando mundos. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 48, set. 2023. Disponível em:  
<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/23936>. Acesso em: 10 set. 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45. ed. Editora Paz e terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação social, educação comunitária**. Congresso Internacional de Pedagogia Social. n. 1, 2012. Disponível em:  
<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf>. Acesso em: 28 de set. 2025.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Tradução de Inês Martins Ferreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. v. 80, 2008. Disponível em:  
<https://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 28 set. 2025.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LIMA, Ray. **Pelas ordens do rei que pede socorro**: um roteiro – manifesto da Cenopoesia. Fortaleza: Expressão, 2012.

LIMA, Ray. **Cenopoesia**: uma outra abundância. Entrevista com o cenopoeta Ray Lima sobre cultura e ideologia. [ *S. l.*: *s.n.* ], 2020. 1 Vídeo (1:27 min.) Publicado pelo canal Vitor Pordeus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hTIUZMo9fwo&t=25217>.  
Acesso em: 09 ago. 2025.

MENDES, José Ernandi; MEDEIROS, Emerson Augusto de. La escuela en el neoliberalismo y su lucha política para (re)existir y resignificarse. **Paradigma**, Maracay, v. 42, n. 3, p. 01–19, 2021. Disponível em:



<https://revistaparadigma.com.br/index.php/paradigma/article/view/1119>. Acesso em: 28 set. 2025.

PALUDO, Conceição. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Cadernos Cedes**, v. 35, n. 96, p. 219-238, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/CK6NyrM6BhKXbMmhjrmB3jP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2025.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos. São Paulo: Ed. Nova Cultural. Col. Os Pensadores – Bruni, 2000.

### **Histórico Editorial**

Submetido: 15 de outubro de 2025.

Publicado: 01 de dezembro de 2025.

### **Minicurrículo**

#### **Cineide Lopes de Sousa Nogueira**

Mestranda em Educação e Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino (PPGEEN/UECE). Especialista em Educação especial e neuropsicopedagogia pelo Centro Universitário Única (UniÚnica). Pedagoga pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Contribuição de autoria: Principal redatora do texto, articulando bases teóricas de discussão e análise da temática proposta.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1423527484355661>

#### **Claudiana Nogueira de Alencar**

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutorado em Semântica/Pragmática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, professora e pesquisadora do PPGEEN/UECE.

Contribuição de autoria: Articuladora de bases teóricas e revisora da redação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5612560998826098>

### **COMO REFERENCIAR - ABNT**

NOGUEIRA, Cineide Lopes de Sousa; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. A cenopoesia como prática educativa de cuidado em educação popular sob a perspectiva da pragmática cultural. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 15, e025058, p. 1-16, Jan./Dez., 2025. <https://doi.org/10.24065/re.v15i1.2990>

### **COMO REFERENCIAR - APA**

Nogueira, C. L. de S. & Alencar, C. N. de. (2025). A cenopoesia como prática educativa de cuidado em educação popular sob a perspectiva da pragmática cultural. *Revista Exitus*, 15, e025058, p. 1-16. <https://doi.org/10.24065/re.v15i1.2990>

### **Licença de Uso**

Licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.